



Apresentação

O oitavo número da RILE-JILE Vol.1, sob a organização de Evely Libanori e Ivana Peixoto, reúne as primeiras sete comunicações orais do V Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica selecionadas e, posteriormente, modificadas para esta edição. Os referidos artigos apresentam discussões sobre Literatura, como os de Melina Savi, Ana Carolina Coelho, Evely Libanori e Lígia Zotesso, Francilene de Azevedo e Hélio Rocha; o artigo de Roberto Forns-Broggi sobre Cinema; o de Sueli Liebig e de Rafaela Lucena sobre o Direito dos Animais; e, concluindo a edição, o artigo de Carmélia Tacaná e Heloisa Helena Correia, que desenvolve uma abordagem crítica inserida no tema Ciência e Espiritualidade, aplicado à subjetividade animal.

No artigo *O selvagem na cidade: 'Rendezvous' e a experiência de ser invadido quando se é invasor*, Melina Savi interpreta o conto *Rendezvous*, do escritor canadense Thomas King. Na perspectiva de Savi, o conto é uma história sobre o confronto entre o humano e o não humano, tendo como ponto de partida a ocupação do espaço urbano pelos sencientes. Como um escritor multicultural, King desenvolve a proposta de Jacques Derrida de colocar-se criticamente no lugar do outro. Ao final, interpretação e conto estabelecem uma sintonia. Ambos propõem uma magnífica meditação sobre um fato imaginário, porém inserido em uma realidade estética que só a literatura pode proporcionar.

No artigo *Que tipos de baleias eles podem matar*, Ana Carolina Sampaio estabelece um elo comparativo entre o teor ambientalista dos anos 70, representado por Gary Snyder e o ambientalismo contemporâneo de Donna Haraway. Para desenvolver a sua tese, Ana Carolina retoma alguns temas comuns na obra dos dois intelectuais, assim como os interpreta sob a luz de Fernand Deligny e Felix Deleuze e Guatarri.

Evely Libanori e Lígia Zotesso, no artigo *A aprendizagem do Ódio no conto 'O búfalo', de Clarice Lispector*, revitalizam de forma original a multissignificância da escritura clariceana. A força de expressão da bem-sucedida exegese, não só propicia aos leitores contemporâneos uma nova possibilidade de leitura de sua obra, como também, reitera um dos mais consistentes traços de sua escrita: o profundo questionamento sobre a natureza humana. Como sabemos, a natureza humana é detentora dos mais complexos sentimentos, como por exemplo, o ódio. Esse destrutivo sentimento não encontra identidade na experiência não humana. Diante do exposto, o artigo formaliza-se como uma abordagem crítica essencial aos estudos humanísticos sobre os animais e a ecocrítica no Brasil, tendo como referência a obra da extraordinária Clarice Lispector.

No artigo *O meio ambiente na obra 'O lugar do saber' de Márcia Kambeba*, Francilene de Azevedo e Hélio Rocha exploram a temática ecológica na poesia da autora indígena Márcia Kambeba. Doutoranda em Letras, Kambeba concilia a relação entre a voz simbólica coletiva indígena e a voz poética intermediadora dos mundos que procura por meio da poesia a sua subjetividade artística.

Roberto Forns-Broggi, em seu artigo *Los retos del ecocine en nuestras Américas: Rastreos del buen vivir en tierra sublevada*, prioriza valiosas informações sobre a construção do processo cinematográfico ecológico na América Latina, sobretudo, nos países Hispânicos. Roberto Forns-Broggi não só atualiza dados cuidadosamente selecionados, como também expressões, por exemplo, “imaginação ecológica”, por meio das quais identifica nas narrativas a predominância de uma “pedagogia do bem viver”. Desse modo, o referido artigo define-se como uma espécie de projeto em favor de uma militância estética sugerida em destaque nos subtítulos: “Abrir las fronteras de la producción mediática da comunidade biodiversas”; “Activar la imaginación ecológica”, “Filmar el buen vivir, cultivar la solidaria mirada disidente”. O artigo de Roberto é, portanto, uma referência essencial para o estudo da ecologia cinematográfica latino-americana.

O enfoque interdisciplinar do artigo *O devir dos animais não humanos em um mundo pós-pandêmico*, de Sueli Liebig e Rafaela Lucena, formaliza-se como um objeto relevante que sugere uma metodologia capaz de conciliar importantes aspectos relacionados aos estudos humanísticos sobre os animais, representados nesse caso específico pela ética animal e por aspectos jurídicos referentes à questão no Brasil. O artigo sugere os impasses causados pela legislação brasileira e a sua compreensão sobre o “direito animal”. Para o leitor de outros campos de conhecimento, o artigo demonstra com lucidez que os caminhos seguidos pelo Direito Brasileiro ainda têm muito a percorrer de modo a considerar o direito dos animais longe do interesse humano.

Antes uma discussão secundária na cultura brasileira, a questão animal adquiriu novas configurações no século vinte e já conquista importantes espaços a seu favor. Os métodos de abordagens sobre a questão são muitos. Porém, poucos em língua nacional constroem dentro de uma originalidade própria especificidades que reúnem ao mesmo tempo ciência e metafísica. Sobre o assunto, como demonstram Carmélia Tacaná e Heloisa Helena Siqueira no artigo *A alma dos animais: ciência e espiritismo*, os questionamentos de Irvênia Prada sobre a subjetividade animal foram estabelecidos por meio de duas narrativas, a científica e a metafísica. De formação acadêmica relacionada à Medicina Veterinária, Irvênia Prada, como bem demonstra o artigo, consegue construir de forma bem-sucedida, uma narrativa da perspectiva dos animais. Das duas experiências, Irvênia Prada produziu dois livros, *A Questão Espiritual dos Animais* (1998) e *A Alma dos Animais* (2018). Além do recurso da intertextualidade, tão precioso para o fundamento da literatura, o artigo encontra-se muito bem inserido na correlação entre Ciência e Espiritualidade além de prover uma relevante contribuição à causa animal. Como Irvênia Prada, as duas autoras conseguem prover uma influente abordagem crítica sobre o assunto.

Em geral, os textos são estudos que consideram animais humanos, animais não humanos e ecossistemas, como uma cadeia de vida em que cada ser é parte do todo e o que se faz a um ser afeta toda a cadeia. A perspectiva de integração, cuidado e respeito para com o que é vida está na base de todos os textos. O contrário disso, o pensamento predatório de que ecossistemas podem ser extintos e animais não humanos são objeto de consumo, foi, justamente, o que nos trouxe a covid-19. Em face da pandemia, que já dura dois anos, a relação do humano com a vida animal e vegetal, precisa ser ressignificada. É o que os textos mostram.

Zélia M. Bora

Editora Geral da RILE-JILE